

A SEMÂNTICA E A RELAÇÃO ENTRE LINGÜÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO

Fábio Araújo Oliveira*

Neste trabalho, analisamos o “lugar” da semântica na Análise do Discurso, através da abordagem da presença da linguística na articulação do quadro epistemológico da Análise Automática do Discurso (AAD). Para isso, utilizamos o artigo “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)”, publicado pela primeira vez no número 37 da revista francesa *Langages* e escrito por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs. Desse texto, trabalhamos com a primeira parte, a mais teórica e a que apresenta novidades para a teoria do discurso. Nela, os autores afirmam que o papel da semântica constitui um problema para a análise linguística, que é uma fase de análise imprescindível na AAD, já que a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido. Assim, eles fazem atualizações sobre essa questão, reelaborando, inclusive, um conceito-chave da Semântica, a enunciação. Tal reelaboração interessa-nos para compreendermos a construção do “efeito-sujeito”, que se realiza na língua. Entretanto, o problema que se coloca é a ausência do desenvolvimento de uma teoria para explicar a precedência e o domínio do “não-afirmado” sobre o “afirmado” na língua, já que essa precedência e esse domínio são evocados no texto. Palavras-chave: Semântica. Análise do Discurso. Linguística. Psicanálise. Efeito-sujeito.

ABSTRACT

Taking into account the presence of Linguistics in the method of Automatic Discourse Analysis (ADA), this paper focuses on analyzing the “place” of Semantics in the Discourse Analysis theory. Our reflections are based on the article “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)” by Michel Pêcheux and Catherine Fuchs, which was first published in the French magazine *Langages*. We selected the first part of this text, which is the most theoretical part and the one introduces new aspects for the discourse theory. According to the authors, the role of semantics represents a problem for linguistic analysis, which is an essential step of the analysis in the ADA, once the language is the place where the effects of meaning take place. As a result, they update the subject and propose a new definition for a key concept of semantics, the becomes real in the language. However, the problem is the absence of a theory that explains the precedence and the power are dealt with in the text.

Key-words: Semantics. Discourse Analysis. Linguistics. Psychoanalysis. Subject-Effect.

Introdução

A Análise do Discurso de Pêcheux foi construída a partir do confronto de três áreas diferentes de conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, formando uma espécie de Tríplice Aliança. Através da releitura de Marx feita por Althusser, da releitura de Freud por Lacan, e da releitura do estruturalismo linguístico de Saussure feita pelo próprio Pêcheux, a

* Mestre em Letras e Linguística/ UFBA - Doutorando em Linguística/ Unicamp - faoliveira.uneb@uol.com.br

Análise do Discurso nasceu tentando suprimir faltas que cada uma dessas áreas possuía isoladamente, porque cria um objeto que está na fronteira de todas elas: o discurso.

Se ao Marxismo faltava a materialidade linguística e o inconsciente na abordagem da ideologia, se à Linguística faltava a ideologia e o inconsciente na abordagem da língua, e se à Psicanálise faltava a ideologia na abordagem do inconsciente, o discurso pretendia resolver tais falhas, já que tocava nas três dimensões: ele é ideológico, é afetado pelo inconsciente e possui materialidade linguística.

Dessa forma, não sendo nem Linguística, nem Psicanálise, nem Marxismo, a Análise do Discurso era um novo campo de conhecimento fechado em si mesmo, mas que aliava essas três áreas. Entretanto, a abordagem psicanalítica na teoria em questão não se dá de forma tranquila; ao contrário, ela instaura fissuras nesse novo campo teórico, principalmente no que diz respeito à questão do sujeito, da subjetividade. Toda a obra de Pêcheux é marcada por inquietações e questionamentos provocados pelo saber psicanalítico, principalmente da produção lacaniana, conforme analisaremos a seguir, no artigo *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)*, publicado pela primeira vez no número 37 da revista francesa *Langages* e escrito por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (In: GADET e HAK, 1997). Desse texto, trabalhamos com a primeira parte, a mais teórica e a que apresenta novidades para a teoria do discurso. Segundo Malidier (2003, p. 38), essa seria a parte pertencente a Michel Pêcheux.

Análise Automática do Discurso, Linguística e Psicanálise

No artigo “A propósito da Análise Automática do Discurso(...)”, Pêcheux e Fuchs (In: GADET e HAK, 1997) reafirmam que a linguística é uma das regiões do conhecimento utilizada na articulação do quadro epistemológico geral da Análise Automática do Discurso (AAD). Nesse quadro, essa região é entendida “como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo.” (ibidem, p. 163) As outras duas regiões são o materialismo histórico e a teoria do discurso. Todas elas são articuladas e atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Nesse texto, o recurso à Psicanálise para intervir no quadro epistemológico da AAD permite aos autores a reformulação da questão do efeito leitor como constitutivo da subjetividade. Em outras palavras, conforme nos encaminha Leite:

O recurso à Psicanálise se faz, neste momento, sob o signo de uma resposta à questão fundamental de como se constitui a ilusão subjetiva, possibilitando, deste modo, a relação do ideológico com o discursivo e deste com o linguístico. Mais ainda, a teoria psicanalítica se apresenta como o dispositivo teórico científico capaz de garantir o atravessamento do efeito-sujeito.(LEITE,1994, p. 138)

Entretanto, se na psicanálise os autores encontram fundamentação para analisarem a constituição da subjetividade na língua, o que se evidencia através da noção da AAD de esquecimento número 1, é na linguística que encontram fundamentação para analisarem as formas subjetivas da realização dessa constituição, o que se evidencia em outra noção, a de esquecimento número 2.

Sabendo do lugar da linguística na AAD delineado no número 37 de *Langages*, interessa-nos analisar a relação entre tais áreas de conhecimento, o que implica em uma abordagem sobre Semântica e Enunciação.

Análise Automática do Discurso e Semântica

Em “A propósito da Análise Automática do Discurso(...)”, é apresentado um problema central na relação entre linguística e Análise Automática do Discurso, que é o “lugar” da semântica na análise linguística.

O dispositivo da AAD pressupõe uma fase de análise linguística, já que ele parte de *corpus* discursivo para evidenciar os traços dos processos discursivos, e este *corpus* está, é claro, em língua natural. Obviamente, a escolha da prática de análise linguística define previamente a natureza e o papel da língua. Na perspectiva da teoria do discurso, a língua é entendida em sua relação com os processos discursivos. Sobre isso, os autores afirmam que:

(...) estando os processos discursivos na fonte de produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o *lugar material* onde se realizam estes efeitos de sentido. Esta materialidade específica da língua remete à idéia de “funcionamento” (no sentido saussuriano), por oposição à idéia de função. A caracterização desta materialidade constitui todo o problema da linguística. (Pêcheux e Fuchs In: GADET e HAK, 1997, p. 172) (grifo dos autores)

Entretanto, a fase de análise linguística, pressuposta pela AAD para sua análise não-subjetiva dos efeitos de sentido, apresentava problemas. É neste ponto que a semântica entra em foco, já que “*a questão gira em torno do papel da semântica na análise linguística.*” (ibidem, p. 172) (grifo dos autores)

Um dos problemas era o fato de a análise linguística da AAD ser de natureza morfossintática, permitindo, assim, a des-linearização especificamente linguística dos textos, mas as condições desta análise estavam definidas sem clareza, e o recurso a um semantismo implícito sempre estava presente na análise. Outro problema era considerar que sintaxe e semântica, de um lado, e léxico e gramática, de outro, constituíam níveis distintos, quando, por exemplo, regras sintáticas aplicadas na fase linguística da AAD recorriam a recursos não controlados de sentido. Ao reavaliarem tais problemas, os autores nos dizem que:

O que falta atualmente é uma *teoria do funcionamento material da língua em sua relação consigo própria*, isto é, uma sistematização que não se opõe ao não sistemático (língua/fala), mas que se articula em processos. Se convencionamos chamar “semântica formal” à teoria deste funcionamento material da língua, pode-se dizer que o que falta à análise linguística é precisamente essa semântica formal que não coincide de modo nenhum com a “semântica discursiva” (...). A expressão “semântica formal” (...), que definiremos adiante como o último nível de análise linguística, atingiria, neste sentido, o lugar específico da língua, que corresponde à construção do efeito-sujeito. (ibidem, p. 173-4)

Como a AAD pretende “atravessar o efeito-sujeito”, caberia a ela aferir onde se dá esse atravessamento na língua. Isto remete necessariamente a outro problema, a questão da enunciação, o que mantém a semântica em foco.

A Enunciação

Para Pêcheux e Fuchs, a dificuldade das teorias de enunciação está na reprodução por elas da “ilusão necessária construtora do sujeito”, ou seja, “elas se contentam em *reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito*, através da ideia de um sujeito enunciador portador de escolhas, intenções, decisões etc” (ibidem, p. 175) (grifo dos autores). Tal abordagem é encontrada nos trabalhos de Bally, Jakobson e Benveniste. Nessa perspectiva, a enunciação é entendida como a relação necessariamente presente entre enunciador e seu enunciado.

Contra essa abordagem, os autores reformulam o conceito de enunciação e introduzem modificações na concepção de língua. Para eles,

(...) os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que têm por característica colocar o “dito” e em conseqüência rejeitar o “não dito”. A enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é “selecionado” e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o “universo do discurso”), e o que é rejeitado. (ibidem, p. 176)

Assim, o estudo das marcas de enunciação, que deve constituir uma etapa importante da fase linguística, nos conduz a uma concepção de língua em que:

* o léxico não é simplesmente um “estoque de unidades lexicais”, mas um “conjunto estruturado de elementos articulados sobre a sintaxe”.

* a sintaxe não é o domínio neutro de regras formais, mas o modo de organização dos traços das referências enunciativas.

Além disso, o estatuto da enunciação é definido também através da “teoria dos esquecimentos” elaborada pelos autores, conforme verificaremos a seguir.

A teoria dos esquecimentos

Pêcheux e Fuchs (ibidem) apresentam, nesse artigo, dois tipos de esquecimentos. O esquecimento número 1 refere-se à “ilusão subjetiva”, ou seja, ao fato de o sujeito falante acreditar que, por ser consciente, ele é a origem dos sentidos de sua produção verbal. A construção dessa ilusão relaciona-se com uma definição de enunciação, conforme nos mostram os autores:

Se definirmos a enunciação como a relação sempre necessariamente presente do sujeito enunciador com o seu enunciado, então aparece claramente, no próprio nível da língua, uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido ou se identifica à fonte do sentido. (ibidem, p. 174)

No entanto, para os autores a subjetividade na língua é constituída pelo esquecimento número 1, uma zona inacessível ao sujeito. Em outras palavras, a subjetividade é fundada em um recalque daquilo que a constitui, e esse recalque é de natureza inconsciente, “no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma.” (ibidem, p. 177) Tal recalque possui, ao mesmo tempo, o processo discursivo e o interdiscurso como seus objetos. A esse último objeto, o interdiscurso, o esquecimento número 1 articula-se por relações de contradição, submissão ou de usurpação. O interdiscurso é definido, em uma nota, como “o

‘exterior específico’ de um processo discursivo determinado (...), isto é, os processos que intervêm na constituição e na organização deste último.” (ibidem, p. 239, nota 29)

Acreditamos que o esquecimento de que se trata na noção de “esquecimento número 1” refere-se a uma exterioridade jamais conhecida pelo sujeito, que por isso mesmo não pode ser produzida verbalmente. Isso relaciona tal noção à noção psicanalítica de real. Essa é, por exemplo, a compreensão de Leite a respeito da questão, conforme mostramos a seguir:

O termo esquecimento, conforme apontado em nota de rodapé no texto de 75, não remete a um problema de memorização, de ordem individual. O autor [Pêcheux] faz notar que ele designa paradoxalmente “aquilo que jamais foi sabido”, apontando, deste modo, para a dimensão de um saber impossível. Mais ainda, o autor comenta que o sujeito “falante” mantém com este saber uma relação de “estranha familiaridade”, típica da relação que mantém com as causas que o determinam, em toda ignorância de causas. Este esclarecimento faz coincidir o esquecimento com a definição mesma de inconsciente no seu estatuto de real. (LEITE, 1994, p. 145)

Assim, o interdiscurso, objeto do esquecimento número 1, seria afetado por um saber impossível, ou seja, a exterioridade dos processos discursivos que os determina se articularia a uma exterioridade de um saber impossível. A respeito dessa articulação, os autores não desenvolveram uma teoria que possibilitasse uma análise de dados.

Conforme Pêcheux e Fuchs, o esquecimento número 1 regula as relações estabelecidas no “esquecimento número 2”. Além disso, é neste último que se situam as formas subjetivas, materializadas em língua, que possibilitam a realização da existência (não subjetiva) da ilusão subjetiva, sobre a qual já nos referimos na abordagem da noção de esquecimento número 1.

Para os autores, o esquecimento número 2 diz respeito ao efeito de ocultação parcial do “não dito” em relação ao “dito” pelo sujeito, o que faz ele pensar que sabe exatamente o que diz. Assim, essa zona de número 2 é a dos processos de enunciação, sobre a qual já abordamos. Isso significa que é nesta zona que se pode realizar o trabalho de análise linguística, a fim de constatar marcas na língua do atravessamento do efeito-sujeito. Ao contrário do que ocorre no esquecimento número 1, o sujeito pode penetrar conscientemente na zona de número 2, por meio de reformulações.

A oposição entre os dois tipos de esquecimento, segundo os autores, relaciona-se à oposição entre situação empírica concreta do sujeito, marcada pela identificação imaginária do “eu”, em que o outro, inclusive, é um outro “eu”, e o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, que se dá por meio do “Outro”, na concepção lacaniana do termo. Leite, a respeito dessa oposição, nos encaminha a uma compreensão de que:

(...) a diferenciação dos tipos de esquecimento, bem como a tentativa de articulá-los, é correlativa da distinção entre o plano de assujeitamento inaugural (condição de existência) e o plano das atualizações de subjetividades constituídas. Com isto apontamos que aquilo que Pêcheux denominou de esquecimento nº 1 corresponde ao que na teoria psicanalítica recobre o conceito de recalque originário, o qual está indissociavelmente ligado ao recalque secundário ou retorno do recalcado, que na teoria do discurso remete ao esquecimento número 2. (LEITE, 1994, p. 146)

A autora, entretanto, identifica alguns problemas nesta aproximação, mas não

abordaremos isso neste trabalho.

Conclusão

As atualizações e reelaborações feitas no artigo *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)* interessam-nos para compreendermos a construção do “efeito-sujeito”, que se realiza na língua. Entretanto, o problema que se coloca é a ausência do desenvolvimento de uma teoria para explicar a precedência e o domínio do “não-afirmado” sobre o “afirmado” na língua, já que essa precedência e esse domínio são evocados no texto. Como acreditamos que tal questão está relacionada também à Psicanálise, mesmo os autores recorrendo a ela e desenvolvendo a Teoria dos Esquecimentos, não há no artigo o desenvolvimento de uma teoria que contribua para o entendimento do “não afirmado” situado numa zona inacessível ao sujeito, como é a zona do esquecimento no. 1.

Dessa forma, os autores *esquecem* de nos fornecer instrumentos para compreendermos como se processa, na enunciação, os efeitos do inconsciente. Assim, apesar da AAD pretender nela própria um atravessamento de uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, na verdade é a própria presença da Psicanálise que lhe abre uma fissura.

REFERÊNCIAS

LEITE, N. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

MALDIDIER, D. **(Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975)*. In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani... [ET AL.] 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.